

CRÍTICA TEATRO | CRUISE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

No efervescente bairro do Soho, em Londres, o universo LGBT-QIAPN+ viveu livre e intensamente seus encontros, descobertas sexuais, resiliência, luta e luto, numa época devastadora da epidemia de HIV/Aids. O texto do britânico Jack Holden revisita as agruras e a urgência vital, com foco central, no que os gays transpassaram nos anos 1980, tendo em conta que um diagnóstico aterrador era visto como sentença de morte. A tradução de Rodrigo Nogueira engendra vocábulos que se fluidificam para brasileiros..

“Cruise” relata o encontro entre Jack, um jovem voluntário num serviço telefônico de apoio à comunidade gay, e Michael, um homem em crise e mais velho, que desloca o tempo, reconstituindo suas paixões numa imersão pela cultura clubber, fervendo nas pistas ao som de George Michael e Pet Shop Boys, onde londrinos ainda fortaleceram a popularização da House Music como um de seus pilares, advinda dos Estados Unidos, circulando por locais à procura de envolvimento casuais.

Orlando Caldeira insufla um ritmo vertiginoso que dialoga convenientemente com a composição da narrativa. Edifica um espetáculo de extremo bom gosto, através do qual somos embalados todo o tempo. O diretor assevera sapiência, articulando marcas que propõem uma dinâmica, pela qual a montagem vai ganhando força e dramaticidade,

Refúgio gay



Nada é capaz de tirar a atenção do espectador de Igor Cosso, tamanha sua entrega em ‘Cruise’

além de conduzir seu intérprete para exponenciar um caleidoscópio de emoções.

Nada nos faz tirar a atenção de Igor Cosso, tamanha a entrega que dispensa às personagens que vivencia. O ator reflete destreza ao proferir seu monólogo, sem perder o fôlego, desde de seu Jack, sustentando uma variação de ideias, com as quais fortifica os meandros das vicissitudes que, sobretudo, perpassa seu Michael. Toda a sequência de movimentos na dança é notável por auxiliar a elaborar o luto pela perda

de amigos, além de expurgar um período nefasto.

Um piso avermelhado ampara a eficiente cenografia de Vito Frago, comportando uma parede de ferro com grades, remetendo às boates ao findar do século XX, e no centro da cena uma estrutura, que a direção ressignifica positivamente. O figurino de Tiago Ribeiro é hedonista, com textura marcante. Pedro Carneiro cria efeitos lumináres ágeis e um adequado agrupamento de lâmpadas tubulares coadunam com a narrativa. Tripés e torres com

ribaltas de led ornamentam a caixa cênica, mas os corredores poderiam ter mais personalidade, sem permitir que a geral os invada, delineando com mais exatidão a dramaturgia da luz.

A peça ainda usa o filme “Top Gun”, com Tom Cruise, como um símbolo de masculinidade. Ademais uma curiosidade: o diretor Quentin Tarantino faz, como ator, uma participação em “Dorme Comigo”, defendendo que “Top Gun” é uma metáfora sobre homossexualidade. Não é à toa que Holden alu-

de ao sucesso americano. “Cruise” é um ótimo exemplo de montagem, que exalta a vida, a libertação, sem caretice, apesar do retrocesso que o mundo nos obriga cada vez mais.

SERVIÇO
CRUISE - MINHA ÚLTIMA NOITE NA TERRA
Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
Até 2/11, aos sábados, domingos e segundas (20h).
Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

N A R I B A L T A

POR AFFONSO NUNES



Festa teatral em Angra

A 18ª Festa Internacional de Teatro de Angra dos Reis (Fita) chega ao fim de semana com três montagens na Tenda Enel, montada no Aterro do Carmo. Nesta sexta (16), “A Vida Passou por Aqui” (foto) abre a programação às 19h; no sábado, “Cauby — Uma Paixão” revisita a trajetória do cantor no mesmo horário; e, no domingo, 18, “O Segredo de Brokeback Mountain” encerra a sequência. A Fita segue até 24 de outubro, reunindo espetáculos de diferentes linguagens no centro de Angra.



Últimos anos de Rita

Em estado de graça, Lília Cabral interpreta Rita Lee em “Rita Lee: Balada da Louca”, monólogo idealizado e escrito pelo jornalista Guilherme Samora a partir de “Rita Lee: Outra Autobiografia”. Dirigida por Beatriz Barros, a dramaturgia do espetáculo Joga luz sobre os últimos anos de vida da Rainha do Rock, sem abandonar a franqueza, a ironia e o humor que marcaram a trajetória da artista. Em cartaz no Teatro Prio, no Jockey Club, até 1º de novembro, com sessões de sexta a domingo. R\$ 150 e R\$ 75 (meia).



Visão de Saramago

O Grupo Galpão apresenta até domingo (18) no Teatro Carlos Gomes o espetáculo (En)saio Sobre a Cegueira, adaptação do romance do português José Saramago, Nobel de Literatura. Sob direção de Rodrigo Portella, a peça retrata uma cidade atingida por uma epidemia de cegueira, que começa quando um homem perde de repente a visão no trânsito. A doença se espalha e põe em xeque a moral, a ética e a vida coletiva. Melhor Espetáculo da APCA e valeu a Portella o troféu de Melhor Direção no Prêmio Shell.